

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

IGOR VALENTIM BRUNO

**CONCEPÇÕES HETERONORMATIVAS DE GÊNERO MASCULINO E SUAS
IMPLICAÇÕES NAS AULAS DE DANÇA**

Florianópolis,
2018

Igor Valentim Bruno

**CONCEPÇÕES HETERONORMATIVAS DE GÊNERO MASCULINO E SUAS
IMPLICAÇÕES NAS AULAS DE DANÇA**

Monografia submetida ao Programa de
Graduação da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
bacharelado em Educação Física Orientadora:
Profa. Dra. Vera Lúcia Amaral Torres
Orientadora: Profa. Heloá Barroso Cintra

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bruno, Igor
CONCEPÇÕES HETERONORMATIVAS DE GÊNERO MASCULINO E SUAS
IMPLICAÇÕES NAS AULAS DE DANÇA / Igor Bruno ; orientador,
Vera Lúcia Amarel Torres, coorientador, Heloá Garrozo
Cindra, 2018.
47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) --
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Gênero. 3. Dança. 4.
Masculinidades. I. Lúcia Amarel Torres, Vera. II. Garrozo
Cindra, Heloá. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Educação Física. IV. Título.

Igor Valentim Bruno

CONCEPÇÕES HETERONORMATIVAS DE GÊNERO MASCULINO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS AULAS DE DANÇA

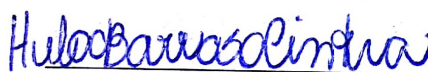
Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharelado em Educação Física” e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, com a nota: 9,7

Florianópolis, 26 de novembro de 2018.

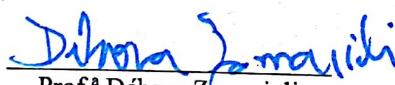
Banca Examinadora:



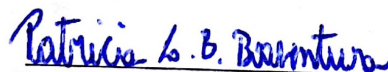
Prof.^a Vera Lúcia Amâral Torres, Dr.^a.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.^a Heloá Barroso Cintra.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.^a Débora Zamarioli
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.^a Patrícia Boaventura, Dr.^a.
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos meninos que de alguma forma admiram a arte da dança e encontraram nela possibilidade de se libertar de estigmas sociais.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família pelo suporte necessário para a realização da minha formação em especial a Marcia da Costa Valentim pela ajuda financeira que permitiu minha estadia em Florianópolis. Aos meus amigos Heloá Barroso, Uilio Santana, Gabriel Xavier da Silva e Cássio Silva, juntos formamos uma família, trocamos experiências e nos apoiamos em muitos momentos difíceis dessa empreitada. Agradeço a Pró Reitoria de Assuntos Estudantis pelo apoio financeiro fundamental a minha permanência nesta cidade e a Professora Vera Lúcia Torres responsável por despertar ações que auxiliaram a minha construção como profissional.

RESUMO

Essa monografia tem por intuito investigar como concepções heteronormativas de gênero influenciam nas escolhas pessoais de homens na adesão às práticas corporais dançantes, bem como verificar se os homens entrevistados sofrem ou sofreram algum tipo de preconceito relacionado às concepções hegemônicas que determinam papéis e comportamentos diferenciados para homens e mulheres no contexto social. Para tanto foi utilizado o método de pesquisa qualitativa e os dados foram coletados por meio de questionário aberto com homens adultos praticantes de *vogue dance* e *stiletto dance* na cidade de Florianópolis. As perguntas foram baseadas nas concepções de heteronormatividade hegemônicas e representatividades de masculinidade que se tem sobre dança e gênero na cultura brasileira, considerando a literatura estudada e a análise do contexto cultural da cidade de Florianópolis no que diz respeito à especificidade do campo abordado nesta pesquisa.

Palavras-chave: Gênero. Masculinidade. Dança.

ABSTRACT

This monograph aims to investigate how hegemonic conceptions of gender influence the personal choices of men in adherence to dancing body practices, as well as to verify if the men interviewed suffer or suffered some kind of prejudice related to hegemonic conceptions that determine roles and behaviors differentiated to men and women in the social context. For that, the qualitative research method was used and data were collected through an open questionnaire with adult men practicing vogue dance and stiletto dance in the city of Florianópolis. The questions were based on the hegemonic conceptions and representations of masculinity that one has about dance and gender in the Brazilian culture, considering the studied literature and the analysis of the cultural context of the city of Florianópolis with respect to the specificity of the field addressed in this research.

Keywords: Gender. Masculinity. Dance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	12
1.2 OBJETIVO GERAL	14
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
1.4 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 PROBLEMATIZANDO E ASSIMILANDO SIGNIFICADOS DE GÊNERO: TRANSVERSALIDADE ENTRE DANÇA E NORMAS DE GÊNERO	16
2.1.1 Aproximações: <i>vogue dance</i>	19
2.1.2 Aproximações: <i>stiletto dance</i>	21
3. METODOLOGIAS DA PESQUISA & DISCUSSÃO DE RESULTADOS	23
3.1 COMPREENDENDO O UNIVERSO MASCULINO DOS BAILARINOS DO GRUPO <i>VOGUE DANCE HOUSE OF SOURCESS</i> E <i>STILETTO DANCE</i>	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO	34
ANEXOS	60
ANEXO A	60
ANEXO B	65
ANEXO C	70
ANEXO D	73
ANEXO E	76

1 INTRODUÇÃO

A temática do gênero é um assunto bastante difundido na literatura, perpassa por diferentes áreas do conhecimento, como antropologia, ciências sociais, educação física, e tem ganhado cada vez mais espaço nos veículos midiáticos, seja pela representação do movimento feminista, seja pela produção de eventos de abrangência nacional e internacional, como o ‘Fazendo Gênero’¹ que busca, dentre outras questões, compreender as diversas formas da representação de masculinidade e feminilidade na sociedade.

O sexo biológico foi durante muito tempo utilizado para diferenciar homens e mulheres. Foi nos questionamentos sobre a origem da opressão que recai sobre as mulheres, bem como na busca por recursos teóricos que desnaturalizassem essa sujeição, que o conceito de gênero surgiu como culturalmente constituído. Pensado em oposição ao conceito de sexo, biologicamente formado, o estudo do gênero ganhou evidência. Considerando essa perspectiva, a dominação masculina ou a exclusão feminina não são dadas como naturais, mas sim concebidas como construções sociais, expressões da desigualdade nas relações sociais. Segundo Scott e Connel (1995), citado por Andreoli (2010) no artigo *Dança, Gênero e Sexualidade: um olhar cultural*:

[...] gênero é o processo pelo qual as diferenças sexuais dos corpos de homens e mulheres são trazidas para dentro das práticas sociais, de forma a adquirirem significados culturais”. É entendido, de acordo com esses autores, que há uma construção cultural e formas determinadas de representação de masculinidade e feminilidade na sociedade. (SCOTT; CONNEL, 1995 apud ANDREOLI, 2010, p. 109).

Considerando a pluralidade cultural que perfaz o universo dos indivíduos, é possível deduzir que sujeitos que, por ventura, não atendem aos critérios, subjetivos ou não, de normalidade, em acordo com as representações hegemônicas destes dispositivos sociais, são categorizados em locais específicos na sociedade, pois podem ser entendidos como “diferentes”, exceções ou minorias sociais.

Debater as diferenças de gêneros no campo da educação é assunto relevante, pois permeia diferentes eixos sociais; seu estudo pode promover mais inclusão e igualdade nas relações sociais dos sujeitos. A Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (Secad/MEC) compreende que, em uma perspectiva inclusiva, políticas educacionais que correlacionam gênero, orientação sexual e sexualidade não devem se restringir à dimensão dos direitos à saúde sexual e reprodutiva, embora estes

¹Seminário internacional e interdisciplinar que versa sobre temas relacionados às mulheres, aos estudos de gênero e ao pensamento feminista. Ocorrem a cada três anos na Universidade Federal de Santa Catarina.

também sejam aspectos importantes para se debater. É necessário ir além, a fim de promover o conhecimento sobre as questões de gênero, através da busca de diferentes pressupostos, dada a abrangência das questões relacionadas a este tema (BRASIL, 2007).

No âmbito do ensino, segundo Sousa e Altmann (1999):

São inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presente na cultura escolar, especialmente nas aulas de educação física, pois se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente. (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 64)

Considera-se que a escola, na transmissão de valores de cidadania e educação, não opera no vazio, mas é permeada por diversos eixos articulados ao desenvolvimento de escolares, que trazem previamente em sua bagagem determinadas normativas sociais que podem gerar preconceito e discriminação. O período escolar se configura em uma experiência propícia para fomentar o debate sobre as questões de gênero.

A fim de complementar a ideia desenvolvida acima, podemos destacar que, de acordo com a publicação dos *Cadernos Secad*² intitulado Gênero e Diversidade na Escola, caderno quatro, a perspectiva da diversidade deve ser estudada e abordada no contexto educacional:

Da mesma maneira, como espaço de construção de conhecimento e de desenvolvimento do espírito crítico, onde se formam sujeitos, corpos e identidades, a escola torna-se uma referência para o reconhecimento, respeito, acolhimento, diálogo e convívio com a diversidade. Um local de questionamento das relações de poder e de análise dos processos sociais de produção de diferenças e de sua tradução em desigualdades, opressão e sofrimento. (BRASIL, 2007, p.9)

Os estudantes constroem valores que são desenvolvidos também em suas relações fora da escola, trazem consigo uma bagagem prévia de crenças, valores éticos, identidades, etc. Em suas diferentes manifestações, tais valores são constituídos a partir da emissão da mídia, das vivências sociais, da educação familiar, que por sua vez, carregam diferentes significados do que é ser homem e mulher culturalmente (SOUSA; ALTMANN, 1999). Nesta perspectiva, cabe aos educadores promover o despertar dos alunos para que sejam capazes de lançar uma visão crítica e isenta de preconceitos sobre os padrões que regulam a relação entre as diferenças de gêneros.

A fim de investigar como estas ideias interferem no universo masculino, sobretudo no que tange as práticas corporais dançantes, este estudo buscou reunir através da literatura, noticiários, filmes e livros, apontamentos que auxiliem compreender e/ou investigar como

² Os *Cadernos Secad* foram elaborados para cumprir a função de documentar as políticas da Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação. Foram publicados em 2007.

estes códigos sociais interagem com os praticantes do sexo masculino ao longo de seu desenvolvimento, bem como seus efeitos na prática.

Em um estudo intitulado “Reflexões sobre dança e meninos”, Stinson (1998, p.56) retrata, a partir de debates e considerações pessoais, dilemas relacionados ao ensino da dança para meninos, destacando a preocupação e as inquietudes que os professores de dança corriqueiramente enfrentam em sala de aula referente a este assunto. O estudo publicado em forma de artigo científico em 1997 na 7ª *Dance and Child International Conference*³, aponta que a maioria dos meninos entre 10 e 15 anos de idade revela preocupação em relação à dança, pelo fato desta ser uma “atividade de meninas”. Por sua vez, os alunos acima desta idade que participaram do estudo, se preocupavam que as pessoas pudessem confundir-los com homossexuais.

A fim de sintetizar alguns aspectos que relacionam conteúdos da área de gênero com a dança, sob a ótica do universo das masculinidades, a partir de dados coletados no projeto de *vogue dance* House Of Sorcesses e de praticantes de *stiletto dance* na cidade de Florianópolis, esse trabalho propõe um diálogo direto sobre as relações que os homens estabelecem com este movimento artístico e cultural, a dança, bem como suas implicações na prática.

Para Hanna (1999, p.107) “a dança é uma manifestação cultural, social e artística que ocupa um lugar fundamental na vida das comunidades humanas”. Nesse sentido – a considerar a importância da dança na sociedade - este trabalho procura analisar se as normas culturais de gênero hegemônicas podem ser determinantes para a adesão dos homens a práticas corporais dançantes como o *vogue dance* e o *stiletto dance* especificamente.

1.1 JUSTIFICATIVA

Ao longo da minha trajetória de vida com a dança, estive na linha de frente em relação aos paradigmas e estereótipos de masculinidades, o que por diversas vezes prejudicou minhas possibilidades de envolvimento mais profundo com esta arte. Hoje, ao longo de pouco mais de dois anos participando ativamente de projetos de dança como acadêmico no curso de bacharelado em educação física e bolsista, eu tive a oportunidade de observar de forma empírica que ainda é escassa a presença masculina nos espaços que fomentam a dança. Dentre os estilos de danças que são oferecidos nos cursos de extensão à comunidade pelo Centro de Desportos da UFSC, há uma diferença acentuada entre a quantidade de alunos homens que

³ Associação sem fins lucrativos fundada em 1978 e posteriormente integrada ao *Conseil International de la Danse*(CID), UNESCO, como um ramo autônomo cujo o objetivo é promover o crescimento e desenvolvimento da dança para crianças numa base internacional.

estão matriculados entre uma modalidade de dança em detrimento da outra. Se por um lado o número de homens matriculados em modalidades como dança de salão, onde a formação de casais homens x mulheres opera como elemento fundamental, é de certa forma expressivo; por outro lado, em modalidades como *ballet*, *jazz*, ritmos, a presença masculina é visivelmente menor.

Ao longo do período que tive a oportunidade de participar como monitor e bolsistas em projetos relacionados à dança na UFSC estive envolvido em estilos como *vogue dance* e *stiletto dance*. Esta experiência se configurou, por sua vez, como um campo propício para fomentar a pesquisa que aqui se desenrola.

A oficina *Corpo e Ritmo*, oferecida à comunidade entre 2016 e 2017 no contexto do projeto Dança Poesia em Movimento⁴, buscava desenvolver atividades de preparação corporal para dança através de exercícios específicos, proporcionando vivências em técnicas como o *jazz* moderno, *dancehall*, *house*, funk. Por sua vez, a oficina “*Vogue e Stiletto*”, oferecida em 2017.2 e igualmente no contexto do projeto *Dança Poesia em Movimento*, teve suas atividades desenvolvidas em um único semestre, com o objetivo desenvolver atividades de dança caracterizadas pelas posições típicas de modelos com movimentos corporais traçados por linhas e poses, que se articula com o *stiletto*, cuja referência é traçada a partir do *jazz* e do hip-hop⁵. O *stiletto dance* é dançado com salto alto, um acessório normalmente associado à vestimenta feminina.

Nas duas oficinas os números de alunas do sexo feminino eram muito maiores que o número de alunos do sexo masculino. Embora houvesse homens matriculados em ambas as turmas, todos os alunos matriculados eram meus amigos, nenhum deles haviam se matriculado por possuir desejo prévio em praticar dança, mas o fizeram a partir de convite direto e, apenas um deles, era autodeclarado heterossexual. Este fato sempre me chamou a atenção. Vale a pena salientar um fato que também me chamou a atenção no decorrer do desenvolvimento destas atividades e fomentou o desejo de realizar esta pesquisa, a saber: meu colega bolsista, responsável por auxiliar a estruturação e condução das aulas de *stiletto dance*, solicitava que seu salto alto, acessório fundamental do *stiletto dance*, fosse guardado em outro espaço fora de sua residência, por receio de que seus pais questionassem sua orientação sexual entre outros impropérios.

⁴Projeto de Extensão do Centro de Desportos (UFSC) voltado à realização de ações em dança na Universidade. O projeto está em andamento desde 2011 e é coordenado pela profa. Dra. Vera Lúcia A. Torres.

⁵ Embora a grafia hip-hop seja encontrada de diversas formas (Hip Hop, Hip-hop, hip hop), nesse trabalho, por questões meramente opcionais, adoto hip-hop.

Na dramaturgia, o filme *Billy Elliot* (2000), dirigido por Stephen Daldry e roteiro de Lee Hall, retrata a história de um menino de 11 anos que enfrenta dificuldades para desenvolver de forma plena sua atividade favorita, o *ballet* clássico. Dentre as principais dificuldades para Billy (Jamie Bell) estava a adesão à modalidade *ballet* clássico, bem como na sua permanência. O filme destaca o conflito familiar como ponto central. O menino precisa enfrentar o preconceito do seu irmão mais velho Tony (Jaime Draven) e seu pai, viúvo, Jackie (Gary Lweis), pois dentro da perspectiva da família, o *ballet* era uma atividade feminina e Billy não poderia exercê-la. Praticando o *ballet* clássico, ele poderia ser confundido com homossexual ou evidenciar que poderia estar aflorando uma sexualidade homossexual. Este é um fenômeno que transcende a ficção e é corriqueiro na cultura brasileira. Curiosamente durante meus 10 anos de idade, fase em que minha mãe conquistou duas bolsas para que eu estudasse *ballet* clássico e sapateado em uma escola de dança no Rio de Janeiro, eu passei por uma situação similar ao da ficção, porém diferentemente de Billy, que rompe a barreira do preconceito e conquista o suporte de seu pai Jackie para treinar e pleitear uma bolsa de estudos em uma escola renomada de dança, esta não parece ser uma realidade comum a muitos meninos, assim como não foi em minha experiência pessoal. Foi necessário atingir a vida adulta para que eu pudesse levar a cabo o desejo de desenvolver a dança como campo de atuação profissional, o que, por sua vez, acredito eu, dificultou minha formação profissional como bailarino, porém não interferiu no meu desejo de atuar como professor de dança.

1.2 OBJETIVO GERAL

Investigar em que medida os padrões hegemônicos de gênero influenciam na trajetória dançante de bailarinos de *vogue dance* e *stiletto dance*.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Pontuar quais os critérios levados em consideração na escolha pessoal dos praticantes ao se inserirem na dança;
- ✓ Apontar se os praticantes percebem ao longo de sua atuação discrepância entre o público masculino e feminino na dança;
- ✓ Estimar se as concepções hegemônicas que perfazem o comportamento masculino, de acordo com as ideias apontadas no estudo, de alguma forma interferiram na trajetória do sujeito.

1.4 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa qualitativa que busca entender as atitudes e a motivação que influenciam ou determinam as escolhas dos indivíduos na adesão e permanência a determinados estilos de dança. Alves e Silva (1992, p.61), caracterizam a pesquisa qualitativa como “processo indutivo que tem como foco a fidelidade ao universo cotidiano dos sujeitos”. Logo, este método propõe destacar aspectos que revelem, a partir da experiência dos entrevistados, elementos relacionados às suas concepções pessoais sobre masculinidades e como estas dialogam com sua trajetória dançante.

O presente estudo traz como centro da pesquisa homens adultos praticantes dos seguintes estilos: *vogue dance* e *stiletto dance*. A razão que motivou a escolha destas modalidades foi propositada em função dos elementos que as caracterizam, a saber: o *vogue dance* por ser um gênero da dança, que se desenvolveu por meio da subversão de padrões considerados sexistas e heteronormativos nos anos de 1980 nos Estados Unidos, além de ser oriundo de ambientes considerados culturalmente *gays*, o que por sua vez, contrapõe a ideia de virilidade masculina. E o segundo gênero de dança, o *stiletto dance*⁶, cujo um dos objetivos é despertar a sensualidade, além de ser uma modalidade que opera suas atividades com uso do salto alto, acessório culturalmente destinado ao público feminino.

A hipótese desta pesquisa é de que as concepções hegemônicas de gênero interferem de maneira negativa na forma como homens se relacionam com a dança ao longo das suas trajetórias de vida. Nessa monografia, interessa-nos analisar sobretudo, dentre as diversas formas de opressões, aquelas instituídas pela masculinidade hegemônica, compreendida aqui como uma:

configuração de gênero que incorpora a resposta atual aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres’. A hegemonia será estabelecida somente se existir correspondência entre o padrão cultural e o poder institucional, seja ele coletivo e/ou individual. (SILVA, 2006, p. 121)

⁶ Mais detalhes sobre o *stiletto dance* e o *vogue dance* serão oferecidos no segundo capítulo desse TCC.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PROBLEMATIZANDO E ASSIMILANDO SIGNIFICADOS DE GÊNERO: TRANSVERSALIDADE ENTRE DANÇA E NORMAS DE GÊNERO

Para Scott e Connel (1995, p.109) gênero é o processo pelo qual as diferenças sexuais dos corpos de homens e mulheres são trazidas para dentro das práticas sociais, de forma a adquirirem significados culturais, ou seja, “gênero indica a construção cultural de ideias sobre os comportamentos e características de homens e mulheres na sociedade”. É por meio destas concepções, a maneira como a educação de meninos e meninas tende a ser regulada.

Ao assinalar que as características de gênero são diferenciadas e, relacionadas com base na diferença dos corpos de homens e mulheres, Louro (2004) estabelece que o corpo humano é fundamentalmente local de inscrição dos discursos e representações culturais que categorizam os sujeitos socialmente de acordo com suas “marcas”. Em outras palavras, as características sexuais⁷ de homens e mulheres são elementos que os classificam a um determinado *status* social, independente de suas aspirações pessoais.

Ao considerar a perspectiva da diferenciação de gênero pelo viés biológico, é possível revelar que na cultura ocidental são produzidas algumas ideias de comportamento hegemônicas que são socialmente adotadas e gerenciadas como padrão para todos os indivíduos. Estas ideias se articulam e estabelecem uma série de normativas sociais baseadas na questão do gênero, que por sua vez, além de distintas para ambos os sexos, frequentemente, são orientadas por preconceito.

Tais preconceitos geralmente norteiam a forma como homens e mulheres devem moldar suas feminilidades e masculinidades socialmente, a fim de serem categorizados como “normais” ou socialmente adequados. Para complementar a ideia do antagonismo que permeia a educação de homens e mulheres, o autor Welzer-Lang (2001), em seu estudo sobre a construção do masculino, destaca:

É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o polo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal. (WELZER-LANG, 2001, p.6)

Para elucidar este conjunto de normas aos quais os sujeitos são submetidos, é possível exemplificar destacando que, o mais comum, na perspectiva da cultura ocidental, é que a

⁷ Característica biológica: pênis e vagina.

educação de homens e mulheres tenham rumos antagônicos e polarizados, por refletir, segundo Andreoli (2010), aos seres biologicamente masculinos, características de masculinidades associadas a potência, violência, agressividade, firmeza, força, iniciativa, dinâmica, racionalidade, etc. Tais características configuram-se como principais guias da educação dos meninos. Às mulheres, por outro lado, em oposição às características masculinas, restam representações, digamos, “complementares”, tais como: ser frágil, passiva, sensual, delicada, sentimental, emotiva e sensível.

Segundo Andreoli (2010), estas representações de masculinidades e feminilidades pretendem ser universais, como característica de todos os sujeitos e é por meio deste panorama que se estabelecem as normas hegemônicas de gênero.

A fim de elucidar como essas noções e demandas sobre o comportamento esperado ao gênero masculino estão presentes na sociedade, bem como nas relações sociais, é possível evidenciar situações como estas, pode-se citar: recentemente, no segundo semestre do ano de 2018, foi noticiado pelo site do grupo Globo, que por meio de um edital específico para concurso da polícia militar no Estado do Paraná a “masculinidade” seria um dos critérios de avaliação psicológica para aprovação no mesmo. Foi estabelecido no edital que o candidato “não pode emocionar-se facilmente”, destaca masculinidade como “Capacidade de o indivíduo em não se impressionar com cenas violentas, suportar vulgaridade, não emocionar-se facilmente, tampouco demonstrar interesse em histórias românticas e de amor”. Esta ideia de masculinidade limitada presume uma única forma de ser homem. Os pressupostos desse edital dialogam com os apontamentos do autor Welzer-Lang (2001, p.4), quando conclui que “homem deve aprender a aceitar o sofrimento – sem dizer uma palavra (...) – para integrar o círculo restrito dos homens”. A frase do autor é dada a partir de um estudo intitulado “Construção do Masculino: dominação das mulheres e homofobia”. Neste texto, o autor explana sobre a forma como é dada a construção de diversas masculinidades em diferentes contextos de idade, raça, classe social. É interessante destacar a partir da leitura do material que auxilia na composição desta pesquisa, que é possível perceber que existem diversos contextos e recortes sociais possíveis para desenvolver o estudo das relações de gênero.

As noções sobre as características de homens e mulheres ganharam força desde muito cedo, de acordo com Butler (2003), filósofa e pesquisadora referência na área, o gênero começa a ser regulado desde o nascimento. Esse anúncio estabelece uma cadeia de atos de linguagem, criando um discurso coercitivo em relação ao gênero que visa, dentre outras perspectivas, moldar o corpo e a forma como o indivíduo viverá: por exemplo, o controle

sobre o tipo de roupa que a criança poderá utilizar e suas cores, os brinquedos, as práticas corporais que deverão aderir, etc. A partir desta lógica Andreoli (2010) corrobora que:

Gênero é, portanto, performático: ele não expressa a essência interior do que somos, mas é a estilização repetida, no corpo, de um ritualizado conjunto de atos, de acordo com as normas sociais e culturais. (ANDREOLI, 2010, p. 111)

A fim de investigar e estabelecer diálogo direto sobre as questões de gênero do universo masculino frente à prática da dança, e problematizar o conteúdo que nele se desenrola, destaca-se a reflexão: para Andreoli (2010), a estética corporal proporcionada pela dança é considerada a mais de uma espécie de “essência natural” da mulher. Essa afirmativa sugere que a dança não seja uma manifestação artística que justifique a busca do homem na conquista do status de viril, o que por sua vez, sempre foi mais bem articulado em modalidades desportivas como o futebol, as lutas, etc.

O pensamento de Andreoli estabelece conexão direta quando Welzer-Lang (2001) escreve referente à perspectiva de homem frente a determinados esportes:

Aprender a jogar hockey, futebol ou base-ball é inicialmente uma maneira de dizer: eu quero ser como os outros rapazes. Eu quero ser um homem e portanto eu quero me distinguir do oposto (ser uma mulher). Eu quero me dissociar do mundo das mulheres e das crianças. (WELZER-LANG, 2001, p. 4)

O autor vai além quando se refere à busca do homem pelo *status* social advindo das diferenças entre o universo masculino e feminino. Na perspectiva do autor Welzer-Lang (2001):

É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal. (WELZER-LANG, 2001, p. 6)

Os conflitos que emergem frente aos preconceitos relacionados aos papéis de gênero perpassam também pela questão da docência. Stinson (1998, p. 55) afirma que “os professores de dança costumam reclamar que, principalmente depois da primeira infância, poucos meninos matriculam-se voluntariamente em suas turmas”. Dessa forma, torna-se razoável conceber que os estereótipos sociais de masculinidade interferem negativamente na forma como os professores, pais e alunos relacionam o conteúdo da dança na perspectiva da cultura ocidental. Segundo Souza (2013) e Repolês (2013) em um estudo denominado “*Cambio de Roles*” na Prática do Tango Queer: Novas Feminilidades e Masculinidades, o modelo binário entre feminino e masculino, pressupõe a heterossexualidade como norma compulsória das

relações entre as pessoas, que por sua vez é responsável pelo distanciamento e contraste nos espaços ocupados por homens e mulheres nas Milongas⁸.

Andreoli (2010) conceitua:

A heteronormatividade (Weeks, 1999, P.67) é o nome dado ao dispositivo cultural de poder, que age através do gênero, com vistas a produzir corpos heterossexuais, e que legitimam processos de diferenciação produtores de desigualdade social: a homofobia. [...] em uma cultura heteronormativa o(a) homossexual é considerado(a) aquele(a) que não é um homem ou mulher autêntico(a), ou seja, aquele(a) que perdeu seu gênero. (ANDREOLI, 2010, p. 112)

A violência que incide sobre “aquele (a) que perdeu seu gênero”, também conhecida como homofobia, atinge índices alarmantes no cenário brasileiro. Segundo dados da Agência Brasil (2018) o ano de 2017 apresentou recordes de crimes motivados pela homofobia, um crescimento de 30% em relação ao ano anterior. Nesse contexto social, a homofobia é responsável pela morte de um homossexual a cada 19 horas.

Portanto, quando falamos de corpos que dançam *vogue dancee*/ou *stiletto dance*, os concebemos também como sujeitos que articulam práticas de resistências e existência artístico-político-social, na medida em que expressam suas identidades homossexuais em contextos de violências patriarcais.

2.1.1 Aproximações: *vogue dance*

O *vogue dance* é um gênero da dança oriundo dos Estados Unidos das Américas concebido nos anos de 1980. É elemento importante de uma cultura que articula diferentes categorias artísticas por meio da dança e das artes visuais. Sua conjectura é compreendida além da sua parte técnica e estética corporal típica do estilo, mas também finda sua história em questões políticas, de militância e resistência social.

O *vogue dance* nasceu dentro de espaços pertencentes à cena gay na cidade de Nova Iorque na década de 1980 no seguinte contexto social: “um ambiente sociocultural em que os heterossexuais e brancos podiam fazer tudo enquanto os gays deviam controlar como se vestiam, falavam e se portavam” (BETER, 2014 p.70). Frente a este panorama de exclusão e marginalidade surgiram as chamadas *ball culture*⁹, nichos culturais onde eram celebrados elementos da arte e da cultura gay. Berte (2014) nos conta mais detalhadamente como funcionavam esse espaço de festa, encontro e construção indentitária:

⁸ Refere-se ao local, em geral salões, onde se dança e pratica Tango.

⁹ De acordo com o documentário “Paris is Bruning” (EUA, 1990) *ball culture* é uma cena específica, *underground*, que misturava desfiles, competições e dança em clubes gays dos Estados Unidos na década de 80 (Beter; 2014, p.69).

Entre as categorias de premiação que estruturavam os shows e desfiles da *ball culture* estavam: “moda parisiense”, “estilo executivo”, “roupa esportiva”, “corpo gostoso”, “estilo colegial”, “campo e cidade”, “travesti vestida pela primeira vez”, “estilo militar”, “traje alta costura para a noite” e “estilo realismo” – categoria na qual os/as candidatos/as deviam vestir-se e parecer com homens e mulheres heterossexuais. Uma dessas categorias era a dança vogue, que simulava batalhas nas quais os participantes ousavam nas poses, passos e sequências coreográficas, buscando mostrar-se melhor aos adversários e jurados. (BERTE, 2014, p.70)

Nesse sentido, a cultura *vogue* surge com caráter também competitivo, que visava ressignificar as representações normativas atribuídas a gays, negros e latinos, posições sociais e *status* de inferioridade.

A cena do *vogue dance* no campo nacional brasileiro está em fase de ascensão. O Brasil atualmente promove diversos eventos com esta temática em âmbitos regionais, nacionais e internacionais, conhecidos também como “*Balls*”¹⁰.

Em 2018 a capital Recife sediou e promoveu o maior festival Internacional de Vogue Fever do Brasil. O festival é composto por performances, espetáculos, workshops e competições e serve também como território de criação e intercâmbio de ideias entre os estudantes e professores adeptos do estilo.

O aspecto visual do *vogue dance* é característico, envolve a construção de imagens com o corpo e acessórios muito singulares. É possível, a partir das referências básicas dessa dança, trançar um estilo próprio, o que por sua vez, auxilia na ampliação e alcance de diversos tipos de corpos onde a regra é não seguir padrões sociais, mas despertar e mostrar a “essência interior” de cada pessoa envolvida com essa arte. Assentindo com este contexto é interessante destacar quando o autor Berte (2014) explana sobre a manifestação do *voguedance* frente ao cenário sexista, heteronormativo e branco da época:

São comoventes e inquietantes os relatos sobre jovens que, mesmo sem lar ou comida, forjavam modos de se vestir e participar dos shows porque ali podiam ser eles mesmos ou, o que sonhavam ser, podiam ser aceitos, reconhecidos, aplaudidos. (BERTE, 2014, p. 71)

Poder-se concluir que o *vogue dance* possui grande potencial inclusivo, uma vez que assiste a diversidade e suas possibilidades. Estilo de dança por meio do qual os sujeitos

¹⁰“Balls” são eventos onde as pessoas se reúnem para competir por prêmios e troféus relacionados à dança, roupas, performance, arte *drag*, maquiagem e outras categorias inspiradas em vários estilos musicais. Essas batalhas transformam o que a sociedade define como fraqueza, no ponto forte de cada um, desconstruindo estereótipos e padrões relacionados à beleza, feminilidade e masculinidade. (Disponível em: <<https://bit.ly/2JTvILT> />. Acesso em: 10 nov. 2018)

dançantes podem explorar diferentes formas de se expressar e praticar, isentos de pressupostos socioculturais opressores, mas em diálogo com a personalidade e autenticidade de cada um.

Como referência a estética do estilo, Beter (2014, p.70) destaca que em essência, a dança *vogue* era inspirada em imagens de revistas, publicidade, cinema e televisão que eram transformadas e reconstruídas em forma de desfile, dança, teatralidade e performance, criando “um *show cult*”. E a origem do nome “*vogue*” completa Willi Ninja, “foi tirado da revista ‘*Vogue*’¹¹, porque alguns dos movimentos característicos do estilo são inspirados nas poses que vemos na revista.” (PARIS IS BURNING, 1990).

Referente às qualidades físicas envolvidas no *vogue dance*, segundo o relato o dançarino e coreógrafo Willi Ninja (1961-2006), em “Paris is Burning”¹², considerado um dos precursores da *vogue dance* – a dança mistura pantomima, trejeitos de manuseio de estojos de maquiagem, passos de break, movimentos de ginástica, hieróglifos do Egito antigo, desfile de moda e imagens de poses de revistas, articulando linhas corporais sinuosas ou retilíneas, em suma, posições rebuscadas que exigem bom nível de flexibilidade física¹³.

2.1.2 Aproximações: *stiletto dance*

São poucos os estudos encontrados referentes ao estilo *stiletto dance* na literatura, contudo por meio das informações levantadas é possível destacar que o gênero é emergente e, assim como *vogue dance*, pode ser encontrado facilmente nas escolas de dança em Florianópolis (SC) e no Brasil.

Sobre a origem e definição do *stiletto dance*, Silva et al. (2016) compreende que:

O *Stiletto Dance* é uma dança em cima do salto, na qual se trabalha a postura e o equilíbrio. Foi criada em 1990 pela artista Dana Foglia, professora do Broadway Dance Center, em Nova Iorque, a partir da necessidade dos bailarinos aprenderem a dançar de salto alto para apresentações em clipes, shows e comerciais. (SILVA et al., 2016, p.41)

O *stiletto dance* é um estilo de dança que, através da referência de outros gêneros já consolidados, compõem sua especificidade, pois as performances de *stiletto dances* são dadas a partir do uso salto alto. Silva (2016), professor do gênero e profissional de educação física, aponta que:

¹¹ Revista feminina de moda criada nos EUA conceituada e influente no mundo desde 1892.

¹² Filme documentário estadunidense de 1990 escrito por Jennie Livingston que conta a história da cultura *vogue*.

¹³ Habilidade para mover uma articulação ou articulações através de uma amplitude de movimento livre de dor e sem restrições, dependente da extensibilidade dos músculos.

Ostiletto dance sofreu dificuldades para alcançar o status de arte, por se tratar de uma mistura de danças femininas, jazz e hip-hop e por ser relativamente novo. (SILVA, 2016, p. 42)

A partir da perspectiva do autor é possível compreender que o *stiletto dance* trata-se de um estilo cuja abrangência de formas é enorme, uma vez que se apropria da técnica de outros gêneros da dança. É interessante evidenciar também que o *stiletto dance* possui prerrogativas e características que é entendido, pelas ideias hegemônicas de feminilidade, conforme destacado anteriormente nesta pesquisa, como parte integrante do universo feminino, uma vez que de acordo com o autor Donato “o *Stiletto* se apropria de passos característicos de outras danças para montar suas sequências, e os transforma numa versão mais delicada e elegante”. (DONATO, 2017 apud SILVA, 2017, p.42)

O destaque nesse ponto vai para associação de sensualidade, delicadeza e elegância ao universo feminino. O que, por sua vez, corrobora com a ideia de que este gênero é uma modalidade específica para trabalhar qualidades atribuídas especialmente às mulheres.

Embora as classificações dadas ao *stiletto dance* estejam associadas ao gênero feminino, a presença masculina, ainda fortuita, é uma realidade nos espaços que operam esta arte. As definições de que o *stiletto dance* é um estilo feminino, tendem a reforçar a perspectiva que reduz a sensibilidade ao universo feminino, corroborando com o afastamento da presença masculina destes espaços, pois delimita a expressão do estilo próximo a ideias heteronormativas.

A problemática de rotular o padrão motor do estilo e associá-lo ao universo feminino de acordo com as prerrogativas apontadas nesta pesquisa, acorda com a ideia de Stinson (1998) quando afirma que:

Para definir-se como homem, o menino precisa estabelecer sua própria individualidade, e definir-se como ‘outro’ em relação á mulher. Especialmente se privado de contato masculino, o menino interpreta a masculinidade apenas como o oposto do que percebe como feminino. STINSON, 1998, p.58)

Por meio deste panorama torna-se possível compreender porque a presença masculina é escassa nos espaços que fomentam práticas dançantes que não, necessariamente, estão relacionadas aos ideais hegemonicamente construídos sobre as expressões de masculinidades.

3. METODOLOGIAS DA PESQUISA & DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Para realização desta pesquisa foram selecionados três dançarinos do grupo de *vogue dance* House of Sourcess mais dois dançarinos de *stiletto dance* de forma aleatória de acordo com a disposição dos mesmos em participar da pesquisa.

A companhia de dança House of Sourcess foi criada em abril de 2018, a partir da necessidade de seus idealizadores em desenvolver o segmento *vogue dance*, que até então, era inexistente na cidade. Trata-se de um coletivo colaborativo oriundo de Florianópolis, parte da comunidade LGBTQ+. Sua missão central é fortalecer e enaltecer a cultura *vogue* enquanto vertente cultural catarinense.

O coletivo atualmente é composto por nove homens adultos e opera suas atividades sem fins lucrativos em um centro comunitário da Organização Não Governamental (ONG) Instituto Arco Íris, localizada na Travessa Raticliff nº 56, no bairro Centro de Florianópolis (SC).

O coletivo House of Sourcess ministra oficinas abertas a toda comunidade catarinense sem distinção de raça, idade, ou classe social. Suas atividades são ofertadas semanalmente aos sábados das 16h às 17h. A companhia também realiza ensaios fechados no mesmo dia após o período de aulas, cujo objetivo é desenvolver aspectos técnicos específicos da modalidade, bem como compor mostras de dança, que são realizadas em diversos espaços culturais, como: escolas de dança, boates, festivais de dança, entre outros.

Além dos membros do coletivo House of Sourcess, foram incluídos na pesquisa dois dançarinos da modalidade *stiletto dance*. A justificativa para inclusão destes dançarinos é dada em virtude do acessório, vestimenta, fundamental da modalidade, o salto alto. Culturalmente o salto alto é um sapato destinado ao público feminino. Ao considerar esta premissa, acreditou-se que a contribuição destes dançarinos pudesse auxiliar de forma maciça na reflexãodas questões centrais que perpassam essa pesquisa.

A aproximação foi dada por conveniência e inevitabilidade, pois o grupo selecionado opera suas atividades próximas às ocupações do entrevistador, além do fato de ser o único coletivo da modalidade da cidade de Florianópolis constituído integralmente por homens, critério considerado fundamental para inclusão na pesquisa.

Ao analisar as informações de homens adultos praticantes de dança *vogue* achamos que poderemos nos aproximar da problemática abordada nesta pesquisa. As informações dos bailarinos praticantes de *vogue dance* promovem a interlocução do pesquisador com os

praticantes e qualificam o estudo e a reflexão sobre as questões de gênero e o ensino das danças aqui pesquisadas.

O instrumento de pesquisa utilizado para a coleta dos dados foi questionário aberto, dividido em quatro categorias para auxiliar na análise e interpretação das respostas, que são:

- Categoria a: a identificação do praticante;
- Categoria b: sua relação com a modalidade (*vogue e/ou stiletto dance*);
- Categoria c: perspectivas na esfera familiar;
- Categoria d: conteúdos específicos sobre concepções de gênero masculino.

A fim de evitar qualquer tipo de constrangimento, foi permitido ao entrevistado utilizar um nome fictício na categoria a: identificação.

O questionário foi elaborado de acordo com os objetivos gerais e específicos da pesquisa e disponibilizados aos entrevistados por meio de correspondência eletrônica *e-mail*. Foram cedidos doze dias para que os entrevistados respondessem ao questionário. Ao todo foram oito dançarinos entrevistados dos quais cinco encaminharam suas contribuições e três abstiveram-se da participação por razões desconhecidas.

Para análise dos dados, foi realizada uma leitura inicial das respostas obtidas a fim de estabelecer uma primeira perspectiva sobre as respostas e identificação dos dados. Na sequência, a partir de uma leitura mais minuciosa e sistemática, foram destacados pontos relevantes das respostas para tabulação e correlação das perspectivas sobre o assunto tema da pesquisa. As respostas obtidas foram agrupadas em quadros de forma abreviada a fim de facilitar o processo de análise interpretativa e descrição dos pontos considerados relevantes.

3.1 COMPREENDENDO O UNIVERSO MASCULINO DOS BAILARINOS DO GRUPO *VOGUE DANCE HOUSE OF SOURCESS* E *STILETTO DANCE*

- **Categoria a: identificação do praticante**

Nome	Fla	Gabo	Rodrigo	Junior	Eduardo
Idade	30	28	31	22	25
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Escolaridade	Superior Completo	Superior Completo	Superior Completo	Superior Completo	2º grau completo
Naturalidade	Barra Bugence/MA	Balneário Camboriú/SC	Balneário de Rincão/SC	São José/SC	Porto Alegre/RS
Modalidade	Stiletto	Stiletto	Vogue	Vogue	Vogue

Quadro 1: identificação

- **Categoria b: relação com a modalidade *vogue dance* e *stiletto dance***

Pontos em comum: Todos os participantes estão envolvidos com a dança desde a infância, são homens adultos entre 22- 31 anos de idade e são praticantes regulares de dança com carga horária ≥ 3 horas semanal.

Com exceção de um dos dançarinos de *vogue dance*, todos os demais entrevistados acreditam que a relevância das modalidades na cidade pode melhorar. É possível desvelar a partir do padrão de respostas obtidas que os dançarinos sentem que o *vogue dance* e ou *stiletto dance* são modalidades que estão ganhando mais evidência atualmente, mas que ainda é necessário difundir-las mais na cidade de Florianópolis, pois ainda são poucos os espaços que as oferecem como alternativas para prática regular frente aos outros estilos de dança mais conhecidos.

Um dos aspectos relevantes considerados nessa categoria são as possíveis razões que colaboram com a manutenção dos dançarinos na prática dançante. Cada um dos entrevistados possui uma razão diferente e relevante para continuar dançando. Foram obtidas respostas que incluem razões que vão desde aos aspectos físicos à estética corporal envolvida na prática, até questões sociais, como militância e elevação da autoestima frente aos padrões de beleza e/ ou autoafirmação.

Questões A	Flávio	Gabe	Rodrigo	Junior	Eduardo
Motivos Aderência	Empoderamento	Terapêutico	Hobby/Militância	Profissional	Autoconhecimento
Satisfação Relevância na Cidade	Pouco satisfeito, acredita que pode melhorar.	Acredita que pode melhorar muito	Está satisfeito, mas acredita que pode melhorar.	Pouco satisfeito	Não está satisfeito com a divulgação da modalidade na cidade
Ocupação Profissional	Não	Estudando para se tornar profissional.	Não	Sim	Não
Prática Semanal	±3h	±3h	±6h	Não soube responder	±5h
Por que Começou	Facilidade em aprender/Incentivo familiar	Facilidade em aprender/ vontade própria	Complementar carreira de ator	Admiração/ vontade própria	Incentivo de amigos na fase escolar
Diferencial da Modalidade	Despertar seu lado feminino	Representação das minorias/permite ampliar o repertório motor	Resistência/militância e habilidades motoras envolvidas	Aspecto inclusivo da dança e suas riquezas estéticas	Autoafirmação / Forma de protesto

Quadro2: relação trajetória x dança

- **Categoria c: Questões sobre os bailarinos em relação à prática da dança.**

O objetivo da categoria B foi identificar como a questão familiar dialoga com o desenvolvimento dos bailarinos entrevistados. Foram reveladas respostas que interseccionam diretamente com algumas questões nos apontamentos teóricos desta pesquisa, a saber: para os

entrevistados a ideia da dança dentro da perspectiva das suas famílias é de que a dança é uma atividade pertencente ao universo feminino. Por tanto, ao longo da infância esta prática artística corporal, em dois casos, não foi uma atividade encorajada, ao contrário, a tendência era de que os dançarinos entrevistados fossem distanciados de suas aspirações e desejos. Neste caso foram apontadas respostas que realça preocupação da família com questões relacionadas à homossexualidade.

Também foram obtidas respostas positivas, Junior menciona sua mãe como sujeito importante para seu desenvolvimento com a dança. Incluo como contraponto, que embora haja respostas positivas no que se refere ao incentivo e apoio familiar, a figura paterna não foi destacada nas respostas. Por tanto, isto pode aparecer como uma limitação do estudo, pois não realiza um delineamento direto sobre a figura paterna e materna enquanto tutores das atividades mencionadas.

Frente a questões como discriminação por membros familiares em virtude do fato de dançar, os entrevistados não enfrentaram dificuldades. Neste ponto Gabe revela que na sua família existe receio de que ele abandone a carreira de dentista para se dedicar profissionalmente à dança. Eduardo aponta que não sofre discriminação, porém já vivenciou “brincadeiras desnecessárias” pelo fato de dançar.

Questões B	Flávio	Gabe	Rodrigo	Junior	Eduardo
Incentivo Familiar	Apenas no círculo familiar/ aulas regulares apenas para meninas	Não por medo de incentivar a homossexualidade	Sim	Sim principalmente da mãe	Não, mas nunca foram contrários
Investimento	Não	Não	Sim	Sim	Não
Discriminação	Não	Não aparentemente, mas sente que há receio que abandone sua profissão atual.	Não	Não	Algumas brincadeiras inapropriadas
Influência Identidade de Gênero	Provavelmente sim/ educação moldada dentro de concepção fechadas de masculinidade	Sim de forma acolhedora dentro de um panorama amplo e artístico	Sim, mas não na forma como se expressa	Não exatamente, procura fazer por meio do vogue dance	Não

Quadro3:esfera familiar

Categoria d: Questões Específicas: gênero e dança.

Por meio das respostas obtidas na categoria C desvelamos o ponto chave da pesquisa no que se refere às questões de gênero em diálogo com a trajetória dos dançarinos.

A primeira questão refere-se às dificuldades sentidas no desenvolvimento dos entrevistados como dançarinos em virtude de estereótipos de masculinidade socialmente impostos. A partir das impressões iniciais a arquitetura das perguntas possibilita construir uma ideia geral de como as concepções hegemônicas de masculinidade interagiram com a trajetória dos entrevistados considerando seus desejos e ansiedades.

Todos os entrevistados responderam de forma positiva quando indagados sobre a discriminação, a saber: já sofreram algum tipo de dificuldade por serem homens praticando dança em algum momento de suas vidas e/ou carreiras. Embora todas as respostas estejam associadas aos estereótipos de masculinidades, é interessante destacar a pluralidade dos apontamentos proferidos no questionário.

A fim de tornar essas compreensões mais evidentes para reflexão, aqui serão destacadas algumas das respostas descritas no questionário pelos entrevistados:

Referido ao primeiro apontamento sobre já ter sofrido situações desconfortáveis relacionadas ao fato de dançar, frente aos estereótipos de masculinidades Fla revela ter vivido uma situação constrangedora:

“[...] Houve uma situação em específico [...] em q eu estava dançando livremente e inspiradamente com a minha irmã em um típico baile sertanejo do interior de Mato Grosso. No outro dia fui a casa de uma amiga e ela comentou q a mãe dela me viu dançando a noite toda e disse q o jeito que eu rebolava não era muito o jeito de homem dançar. Me lembro da sensação de ficar constrangido logo após estar me sentindo tão plena [...]”

GABO X responde à questão considerando sua trajetória enquanto dançarino da modalidade danças urbanas e discorre:

“[...] Acredito que por ser uma cidade provinciana, o bailarino homem, de danças urbanas, só era valorizado quando exercia o papel de homem na dança e infelizmente, isso fez com que eu criasse um bloqueio e preconceito para o sensual ou até mesmo o feminino. Quando questionava sobre poder dançar músicas interpretadas por mulheres ou sensuais era imediatamente negado a me expressar com tal gênero [...]”

Rodrigo considera a carreira profissional, embora não tenha mencionado trabalhar profissionalmente com este movimento artístico e cultural:

“sim. Do ponto de vista comercial, é mais difícil para homens conseguirem papéis masculinos se sua expressão não segue os estereótipos de masculinidade.”

Junior aponta dificuldades em atender suas expectativas dentro do movimento artístico dança. Ele iniciou sua trajetória nas danças urbanas, porém somente após conhecer estilos menos engessados frente aos estereótipos de masculinidade, foi que, segundo ele, conseguiu expressar sua verdadeira identidade artística. Segundo relato por Junior:

“[...] de início acabei tendo bloqueios [...] mesmo participando de um grupo de dança de rua eu comecei a conhecer vertentes mais femininas como o waacking, mas não segui nesse caminho e ainda tinha certo receio de expressar minha feminilidade.”

Eduardo percebe dificuldades ligadas à estética corporal do homem que dança e pressupõe:

“Sim. Estereótipo principal é corpo. Existe este padrão. Não só masculino...”

A partir do padrão de respostas obtido poder-se revelar que de alguma forma, para homens, dançar é uma atividade permitida apenas dentro de alguns parâmetros. O homem que se propõe a praticar a dança o faz de acordo com as normativas estabelecidas socialmente, seja pelo professor, seja pela ideia de que papéis de gênero “normal” são requisitos pré-estabelecidos.

Embora estejam emergindo novos estilos de dança que procuram desconstruir determinados padrões hegemônicos de gênero, como o *vogue dance* e o *stiletto dance*, a escassez do público masculino nos espaços movidos pela dança é uma situação presente na atualidade. Quando indagados sobre a equidade no número de praticantes masculinos e femininos em espaços que fomentam a dança, todos os entrevistados foram unânimes em responder que a presença masculina ao longo de suas trajetórias foi escassa. É interessante nesse ponto destacar que esta característica foi uma das principais razões que motivou a realização desta pesquisa, conforme destacado na justificativa. O contraste no número de homens matriculados em atividades dançantes ao longo da minha vivência em atividades de extensão, quando havia homens, percebia que a presença masculina era mais expressiva em alguns estilos de dança em detrimento de outros. Como visto, por exemplo, a dança de salão é mais frequentada por homens do que o *stiletto dance*. Se considerarmos que a dança de salão é caracterizada por elementos que confluem na direção das ideias de masculinidades hegemônicas, por exemplo, a condução da dança ser realizada exclusivamente por homens, assentimos com Andreoli (2010) na medida em que, como afirma o autor, “quando é permitido culturalmente o homem dançar, é muitas vezes exigido que seja sob a condição de celebrar pelo menos alguns dos atributos de masculinidade hegemônica” (ANDREOLI, 2010, p. 114). Em encontro a esta perspectiva destaca-se a resposta de Fla quando argumenta que *“[...] dançar ainda é um ato que causa surpresa e algumas vezes desconforto nas pessoas. Muitas danças ainda possuem parâmetros rígidos de estereótipo masculino para os bailarinos homens. Homem só pode dançar que nem homem, do contrário ou o personagem interpretado é cômico ou é esteticamente feio. E não são só as modalidades mais clássicas.”*

Frente a modelos rígidos e limitados sobre as ideias de masculinidades, torna-se razoável compreender que, mesmo diante da possibilidade de desfrutar os benefícios envolvidos em determinado estilo de dança que transcenda a compreensão de virilidade,

homens optam por não aderir a tal estilo em detrimento de outros, em virtude de preconceitos gerados socialmente.

Explorando o conteúdo obtido pelos resultados, prosseguimos refletindo os porquês dos obstáculos para o público masculino frente às práticas dançantes. Uma das perguntas indaga se os entrevistados percebem discriminação contra homens que dançam, a maioria das repostas são positivas, embora Gabo X acredite que a presença masculina esteja passando atualmente por um processo de valorização ou maior prestígio. Em contraposição, Junior justifica quanto à discriminação contra homens na dança que “[...] *é algo construído historicamente na sociedade, [...] o homem tem que mostrar sua virilidade em todos os sentidos na sua vida e quando um homem mostra outros tipos de expressões mais femininas isso acaba causando desconforto aos olhos dos outros, achando engraçado ou definindo a orientação sexual desse homem pela sua expressão corporal.*”. Considerando esta situação, procuramos compreender como são dados os mecanismos sociais responsáveis por classificar este ou aquele padrão de movimento como natural ao público feminino ou ao masculino. Andreoli (2010) acerca da estética corporal proporcionado pela dança aponta que:

A estética corporal proporcionada pela dança é considerada a mais de uma espécie de essência natural da mulher: Por outro lado, ela parece ser imprópria para um projeto de aquisição e de ‘prova’ de masculinidade viril, o que historicamente sempre foi melhor articulado através de uma associação entre masculinidade e certos esportes, e que faz com que o homem, para dançar, tenha que superar inúmeros obstáculos sociais.(ANDREOLI, 2010, p. 112)

A regulação quanto à rotulagem do movimento humano, ou da dança, como próprios do universo masculino ou feminino pode gerar preconceito e discriminação. E em detrimento de circunstâncias como essa Souza (2007) complementa:

que a hostilização à ideia de o homem praticar dança não é algo que venha do meio da dança, mas principalmente de fora, daqueles que não praticam dança, principalmente dos homens.(SOUZA, 2007 apud ANDREOLI, 2010, p.115).

A prerrogativa de Souza (2007), no entanto, pode ser confrontada com a realidade observada a partir das entrevistas. Por exemplo, dos cinco entrevistados quatro apontam que os papéis de gênero ao longo de suas trajetórias nos espaços da dança eram pré-estabelecidos por seus professores e ou coreógrafos. Todavia, as respostas são uniformes quando os entrevistados são interpelados se já manifestaram desejo de desempenhar composições coreográficas destinadas ao público feminino. Eduardo é enfático em sua resposta e aponta que os papéis destinados, até então, ao público feminino “[...] *Desde meu primeiro dia ate*

esse momento. É o que mais me chama atenção.”. Gabo X destaca ainda que, embora não fosse oficialmente incluído nas composições destinadas ao público feminino e que ao ser negado a tal função, sua permanência no grupo era colocada em cheque em virtude do seu descontentamento: “[...] fazia questão de aprender e praticar a sequência destinada ao público feminino, mesmo que eu não fosse incluído durante a composição final ou valorizado durante essa aula”.

Questões C	Flávio	Gabe	Rodrigo	Junior	Eduardo
Dificuldades Estereótipos de Masculinidade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Equidade entre homens e mulheres	Não	Não	Não	Não	Não
Discriminação contra homens que dançam	Sim	Acredita que atualmente os homens estão sendo mais “valorizados”	Sim	Sim	Sim
Papeis de gênero pré-estabelecido por profissionais	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
Desejo em mudar papéis de gênero	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Quadro 4: questões específicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados obtidos nesta pesquisa buscou-se investigar a influência dos padrões comportamentais hegemônicos de gênero na trajetória de homens que dançam. A orientação para realização desse estudo foi dada em virtude das vertentes presentes no universo da dança, que são os estilos *vogue dance* e *stiletto dance*. Como visto, ambos os estilos aportam elementos que tornaram contundentes as razões que motivaram a composição desta monografia, pois a partir das respostas proferidas pelos entrevistados foi possível sustentar as hipóteses concebidas inicialmente. Nesse sentido, compreende-se que homens têm dificuldades, individuais e sociais, frente às práticas dançantes, sobretudo em modalidades que não possuem elementos que qualificam o ser homem dentro de um sistema heteronormativo e patriarcal.

A pesquisa mostrou que as dificuldades para homens aderirem e permanecerem em determinados estilos é uma realidade. De acordo com os resultados obtidos foi possível destacar que para ingressar em práticas corporais dançantes, o homem necessita driblar barreiras que estão presentes tanto no ambiente familiar quanto no ambiente sociocultural que permeia a realidade dos sujeitos. As ideias levianas sobre este movimento artístico e cultural, frente às possibilidades que nelas emergem, são dadas não só por familiares, amigos ou o próprio sujeito, mas vai além. Concluímos, a partir dos dados dessa pesquisa, que estas questões também perpassam pela atuação dos profissionais da dança, quando em absoluto os entrevistados relatam desejo de realizar em performances, papéis que sempre foram negados a eles.

Embora o recorte realizado inicialmente para esta pesquisa findasse no universo masculino, percebemos a partir do aprofundamento nos estudos de gênero aqui realizados, que o panorama destas discussões vislumbra horizontes mais amplos. As discussões dos estudos de gênero podem considerar diferentes perspectivas e abarcar diferentes recortes sociais como raça e classe social.

Foi possível inferir que são poucos os estudos disponíveis na literatura científica sobre os estilos de dança, *vogue* e *stiletto*. Ao considerar os diversos benefícios de tais práticas, o aprofundamento no estudo destes gêneros da dança, se configura em um campo fértil para pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise Qualitativa de Dados de Entrevista: Uma Proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 2, p.62-69, jul. 1992.

ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, Gênero e Sexualidade: Um Olhar Cultural. **Conjectura**, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 1, p.107-118, jan. 2010.

BERTE, Odailso. VOGUE: dança a partir de relações corpo - imagem. **Dança**, Salvador, v. 3, n. 2, p.69-80, dez. 2014.

BILLY Eliiot. Direção de Stephen Daldry. Reino Unido,França: **Universal**, 2000. DVD, son., color. Legendado.

BRASIL. Constituição (1988). Gênero e Diversidade Sexual na Escola: Reconhecer Diferenças e Superar Preconceitos: Secretaria de **Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, DF: Cadernos Secad**, maio 2007. p. 07-87.

DÁRIO, Felipe. **Festival Internacional Vogue Fever acontece este Mês no Recife**. 2018. Disponível em: <<http://coquetelmolotov.com.br/novo/festival-internacional-vogue-fever-ac acontece-este-mes-no-recife/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

DESCONHECIDO. **Seminário Internacional Fazendo o Gênero**. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/>>. Acesso em: 13 set. 2017.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero o que é isso? **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 15, n. 1-3, p.5-11, mar. 1995.

JONAS VALENTE (Brasília). **Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017**. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SILVA, Jailton Conceição et al. **Avaliação da Qualidade de Vida e da Autoestima em Mulheres Praticantes de Stiletto Dance**. São Paulo: Multiciência, v. 19, 2017.

Paris is Burning. Direção de Jennie Livingston. Produção de **Academy Entertainment Off White Productions**.Nova Iorque: Miramax Films, 1990. (78 min.), Digital, son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mBVBipOl76Q>>. Acesso em: 13 out. 2018.

PAVANELI, Aline; BARRETO, Helena. **Concurso da PM do Paraná tem 'masculinidade' como critério em avaliação psicológica**. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2018/08/13/concurso-da-pm-do-parana-tem-masculinidade-como-criterio-em-avaliacao-psicologica.ghtml>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SENKVICS, Adriano. **O conceito de gênero por Judith Butler: a questão da performatividade**. 2012. Disponível em:

<<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/05/01/o-conceito-de-genero-por-judith-butler-a-questao-da-performatividade/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista. **Psicologia Ciência e Profissão**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 26, p.118-131, 15 maio 2006.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e Meninas: Expectativas Corporais e Implicações na Educação Física Escolar. **Cardenos Cedex**, Mato Grosso, v. 48, n. 2, p.53-68, ago. 1999.

STINSON, Suzan. Reflexão Sobre a Dança e os Meninos. **Pro-posições**, Kuopio, v. 9, n. 2, p.55-61, jun. 1998.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.1-23, fev. 2001.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA



Questionário

Este questionário tem como objetivo contribuir com a pesquisa do acadêmico Igor Valentim Bruno, acadêmico do curso de bacharelado em Educação Física da UFSC, intitulada “**CONCEPÇÕES DE GÊNERO MASCULINO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS AULAS DE DANÇA**”. Por meio das respostas obtidas buscaremos analisar e interpretar como as concepções hegemônicas de gênero masculino interferem na trajetória dos entrevistados. A sua contribuição será valiosa para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso (TCC) em andamento no semestre 2018.2.

Identificação

- Nome fictício:
- Idade:
- Sexo:
- Escolaridade:
- Naturalidade

a) Questões sobre os bailarinos em relação à prática da dança

- Por que você começou a dançar?
- Por que você permanece dançando e há quanto tempo está envolvido com esta arte?
- Para você, qual o diferencial do *vogue dance* e/ou *stiletto dance* frente a outras modalidades de dança?
- Para você, o *vogue dance* e/ ou *stiletto dance* representa uma ocupação profissional?
- Quanto tempo você se dedica a praticar, estudar e/ou lecionar o *vogue dance* e/ou *stiletto dance* semanalmente?
- Você está satisfeito com a relevância destes gêneros de dança em sua cidade? Por quê?

b) Esfera Familiar

- Sua família incentivava (ou incentivou) você a começar a dançar?
- Sua família já realizou algum investimento para ajudar o seu desenvolvimento e sua formação em dança?
- Você já sofreu algum tipo de discriminação por parte de algum de seus familiares pelo fato de praticar dança?
- A sua família influenciou na constituição do modo como você entende e expressa sua identidade de gênero? De que maneira?

c) Conteúdo Específico

- Ao longo da sua trajetória na dança você sentiu alguma dificuldade no que se refere a questões relacionadas aos estereótipos de masculinidade? Quais?

- Ao longo de sua trajetória na dança, nas turmas em que você fez parte, havia equidade entre o número de homens e mulheres praticantes?
- Você acredita que há discriminação em relação a homens que dançam? Por quê?
- Ao longo da sua trajetória na dança, os papéis de gênero masculinos e femininos eram pré-estabelecidos pelos coreógrafos/professores?
- Ao longo da sua trajetória na dança, você já teve vontade de dançar sequências que foram destinadas ao público feminino?

ANEXOS

ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA

Questionário

Este questionário tem como objetivo contribuir com a pesquisa do acadêmico Igor Valentim Bruno, acadêmico do curso de bacharelado em Educação Física da UFSC, intitulada “**CONCEPÇÕES DE GÊNERO MASCULINO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS AULAS DE DANÇA**”. Por meio das respostas obtidas buscaremos analisar e interpretar como as concepções hegemônicas de gênero masculino interferem na trajetória dos entrevistados. A sua contribuição será valiosa para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso (TCC) em andamento no semestre 2018.2.

Identificação

- Nome fictício: Fla
- Idade: 30
- Sexo: Masculino
- Escolaridade: Superior Completo
- Naturalidade: Barra Bugrense

a) Questões sobre os bailarinos em relação à prática da dança

- Por que você começou a dançar?

Na infância tinha incentivo da família dentro de casa e em festas. Tinha facilidade de aprender e gostava. Mas comecei a fazer aula e dançar com mais seriedade já na vida adulta, como exercício físico e hobby, além de que na época foi a válvula de escape que me manteve emocionalmente são, em um período bastante difícil.

- Por que você permanece dançando e há quanto tempo está envolvido com esta arte?

Continuo pois a dança alimenta uma parte do meu espírito que me motiva a alegria de viver. Em épocas q preciso me afastar da dança fico com sintomas de abstinência. Além disso não há nenhum outro exercício físico que me agrada tanto quanto a dança. Uma vez uma piscicultura me disse que eu jamais poderia parar de dançar na vida, pois a dança era a única coisa que conseguia me dar alegria de viver em períodos realmente difíceis.

- Para você, qual o diferencial do *vogue dance* e/ou *stiletto dance* frente a outras modalidades de dança?

Para mim, o *stiletto* dá voz a um lado feminino dentro de cada um que culturalmente é reprimido e silenciado. Tem a capacidade de empoderar o indivíduo de si mesmo. Eleva a auto estima. E liberta a sua Deusa interior dos cativados que a nossa sociedade a coloca. Há uma sensação de liberdade em se sentir bonita, atraente, desejável e poderosa. Mesmo com aquilo se entende como defeitos, desafiando as próprias percepções de si e do próprio corpo.

- Para você, o *vogue dance* e/ ou *stiletto dance* representa uma ocupação profissional?

Não, comecei na dança com seriedade muito tarde, minhas limitações são grandes para querer encarar como profissão.

- Quanto tempo você se dedica a praticar, estudar e/ou lecionar o *vogue dance* e/ou *stiletto dance* semanalmente?

3 horas semanais

- Você está satisfeito com a relevância destes gêneros de dança em sua cidade? Por quê?

Poderia ser melhor. As turmas têm dificuldade de se manter. Os programas de aulas são de poucas horas semanais. E os valores não são dos mais acessíveis. Além de não ser muito fácil de encontrar saltos adequados na cidade, principalmente numeração q homens costumam usar.

b) Esfera Familiar

- Sua família incentiva (ou incentivou) você a começar a dançar?

Na infância havia incentivo para dançar dentro do círculo familiar, mas aula de dança ainda era considerado uma opção apenas para meninas. Depois de adulto havia incentivo por ser uma prática de exercício físico, mas havia também uma preocupação do quão a sério eu levaria a dança. Se eu encarasse a dança como algo mais profissional existia uma resistência velada.

- Sua família já realizou algum investimento para ajudar o seu desenvolvimento e sua formação em dança?

Não.

- Você já sofreu algum tipo de discriminação por parte de algum de seus familiares pelo fato de praticar dança?

Não.

- A sua família influenciou na constituição do modo como você entende e expressa sua identidade de gênero? De que maneira?

Provavelmente sim. E talvez até mais do que eu admito. Minha família, com toda certeza, me criou para ser um típico homem hetero. E a desconstrução dessa expectativa foi uma conquista minha. Apesar de já ter conquistado o meu espaço enquanto homem gay afeminado, existem muitas outras nuances da feminilidade que são uma desconstrução gradativa e cotidiana. Poré nada de extraordinário que eu possa pontuar.

c) Conteúdo Específico

- Ao longo da sua trajetória na dança você sentiu alguma dificuldade no que se refere a questões relacionadas aos estereótipos de masculinidade? Quais?

Houve uma situação em específico, quando eu ainda não era assumidamente homossexual, em q eu estava dançando livremente e inspiradamente com a minha irmã em um típico baile sertanejo do interior de Mato Grosso. No outro dia fui a casa de uma amiga e ela comentou q a mãe dela me viu dançando a noite toda e disse q o jeito que eu rebojava não era muito o jeito de homem dançar. Me lembro da sensação de ficar constrangido logo após estar me sentindo tão plena... obviamente comentários como esse sempre existiram e provavelmente a maioria nem chegavam aos meus ouvidos. O engraçado é que hoje dançando muito mais afeminadamente no stiletto, ninguém ousa tecer comentários desse tipo. Obviamente agora é algo proposital e treinado, e ainda deve incomodar muita gente, mas não me incomodaria mais... Outra situação marcante foi que na escola eu não era admitido em nenhuma das turmas de dança por ser menino. Então eu esperava o ano todo para chegar às festas juninas e participar de todas as coreografias. Triste. Porém vencer as competições do é o tchan lotadas de adversárias meninas era pra mim quase que um ato de revolução.

- Ao longo de sua trajetória na dança, nas turmas em que você fez parte, havia equidade entre o número de homens e mulheres praticantes?

Nunca. Nunquinha

- Você acredita que há discriminação em relação a homens que dançam? Por quê?

Com verteza. Homem que dança ainda é um ato que causa surpresa e algumas vezes desconforto nas pessoas. Muitas danças ainda possuem parâmetros rígidos de estereótipo masculino para os bailarinos homens. Homem só pode dançar que nem homem, do contrário ou o personagem interpretado é cômico ou é esteticamente feio. E não são só as modalidades mais clássicas.

- Ao longo da sua trajetória na dança, os papéis de gênero masculinos e femininos eram pré-estabelecidos pelos coreógrafos/professores?

Sempre foi, até q conheci o stiletto.

- Ao longo da sua trajetória na dança, você já teve vontade de dançar sequências que foram destinadas ao público feminino?

Siiiiiiiiiiiiiiiiim...

ANEXO B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Questionário

Este questionário tem como objetivo contribuir como pesquisado acadêmico Igor Valentim Bruno, acadêmico do curso de Bacharelado em Educação Física da UFSC, intitulada “CONCEPÇÕES DE GÊNERO MASCULINO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS AULAS DE DANÇA”. Por meio das respostas obtidas buscaremos analisar e interpretar como as concepções hegemônicas de gênero masculino interferem na trajetória dos entrevistados. A sua contribuição será valiosa para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso (TCC) em andamento no semestre 2018.2.

Identificação

- Nome fictício: GABE X
- Idade: 28 anos
- Sexo: Masculino
- Escolaridade: Superior Completo
- Naturalidade: Balneário Camboriú - SC

a) Questões sobre os bailarinos em relação à prática da dança

- Porque você começou a dançar?

Desde criança já demonstrava habilidade para a dança, e por insistência, minha mãe permitiu que eu participasse dos projetos de dança na escola, ainda no ensino fundamental.

- Porque você permanece dançando e há quanto tempo está envolvido com esta arte?

A dança é uma forma de extravasar. Como o curso de odontologia me deixava muito estressado, voltei a praticar dança em casa, olhando vídeo clipes das divas pop, reproduzindo suas coreografias, até que através de um olheiro fui chamado para compor um grupo de danças urbanas aqui em Florianópolis, o LAUT!, há 7 anos atrás.

- Para você, qual o diferencial do vogue dancee/ou stiletto dance frente a outras modalidades de dança?

Eu observo essas duas modalidades de forma distintas. O vogue me trás um olhar mais técnico com suas linhas, caminhadas, além da história e cultura, que abrange um poder social que agrega minorias da nossa sociedade, os lgbs e negros. Já o stiletto, demonstra uma liberdade em questão de performance, porém, sem perder a técnica do jazz, um pouco do vogue, ballet. Na minha visão o stiletto permite eu desenvolver o meu corporal, vivencia que trago das danças urbanas, das coreografias observadas e praticadas em casa, o que me deixa livre pra criar e desenvolver um diferencial. Nenhum corpo de stiletto será igual ou pelo menos não deveria ser.

- Para você, o vogue dancee/ ou stiletto dance representa uma ocupação profissional?

Por enquanto, o stiletto está sendo um estudo para uma futura ocupação profissional.

- Quanto tempo você se dedica a praticar, estudar e/ou lecionar o vogue dancee/ou stiletto dance semanalmente?

Pratico/estudo stiletto 3 (três) vezes na semana.

- Você está satisfeito com a relevância destes gêneros de dança em sua cidade? Por quê?

Acredito que possa melhorar muito. O cenário das danças urbanas em Florianópolis não tinha muita relevância até pouco mais de 2 anos, e por isso, não existiam muitas

oportunidades de praticar aulas ou workshops nas escolas ou eventos de dança, principalmente o Vogue e o Stiletto. A partir do momento que cantoras pop e drags brasileiras começaram a ser vistas os olhares para essas duas modalidades estão sendo mais valorizadas, porém, falta bastante para chegarmos num patamar como São Paulo ou Rio de Janeiro.

b) Esfera Familiar

- Sua família incentivava (ou incentivou) você a começar a dançar?

Não, pois tinham medo que eu assumisse minha orientação sexual.

- Sua família já realizou algum investimento para ajudar o seu desenvolvimento e sua formação em dança?

Não. Minhas aulas de dança na infância faziam parte de um projeto social da escola. Hoje em dia, com parte do meu salário, invisto no meu crescimento como bailarino.

- Você já sofreu algum tipo de discriminação por parte de algum de seus familiares pelo fato de praticar dança?

Não é algo visível, todos aparentemente gostam de assistir minhas performances na dança e também não discriminam a arte, mas percebo que existe um receio que eu abandone a odontologia para seguir apenas a dança.

- A sua família influenciou na constituição do modo como você entende e expressa sua identidade de gênero? De que maneira?

Sim, meu núcleo familiar foi muito acolhedor quanto a minha identidade de gênero e isso fez com que eu não tivesse medo ao me expressar na dança ou na vida. Cresci ouvindo MPB, Samba, Pagode, Axé, Soul, R&B, artistas negros principalmente, fortalecendo a valorização desses artistas nessa arte e influenciando diretamente na minha construção pessoal e artística.

c) Conteúdo Específico

- Ao longo da sua trajetória na dança você sentiu alguma dificuldade no que se refere a questões relacionadas aos estereótipos de masculinidade? Quais?

Com certeza. A comunidade LGBT nas danças urbanas até pouco tempo não recebia acolhimento ou visibilidade na cidade de Florianópolis. Acredito que por ser uma cidade provinciana, o bailarino homem, de danças urbanas só era valorizado quando exercia o papel de homem na dança e infelizmente, isso fez com que eu criasse um bloqueio e preconceito para o sensual ou até mesmo o feminino. Quando questionava sobre poder dançar músicas interpretadas por mulheres ou sensuais era imediatamente negado a me expressar com tal gênero musical.

- Ao longo de sua trajetória na dança, nas turmas em que você fez parte, havia equidade entre o número de homens e mulheres praticantes?

Não. Na maioria das vezes as mulheres dominavam as turmas de danças.

- Você acredita que há discriminação em relação a homens que dançam? Por quê?

Por conta da valorização da dança, acredito que ultimamente os homens estão sendo bastante acolhidos e valorizados nessa arte. Não vejo mais discriminação para os homens que dançam em geral, mas sim uma curiosidade ou mesmo questionamento acerca do gênero dos homens que dançam estilos praticados predominantemente por mulheres.

- Ao longo da sua trajetória na dança, os papéis de gênero masculinos e femininos eram pré-estabelecidos pelos coreógrafos/professores?

Sim. Dificilmente se via gêneros masculinos praticando ballet, stiletto, vogue, poledance ou outra dança mais sensual. Quando na coreografia de grupo existisse uma parte voltada para esses estilos, os homens eram evitados de participar dessa parte na composição.

- Ao longo da sua trajetória na dança, você já teve vontade de dançar sequências que foram destinadas ao público feminino?

Sempre, mas fazia questão de aprender e praticar a sequência destinada ao público feminino, mesmo que eu não fosse incluído durante a composição final ou valorizado durante essa aula.

ANEXO C

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Questionário

Este questionário tem como objetivo contribuir com a pesquisa do acadêmico Igor Valentim Bruno, acadêmico do curso de bacharelado em Educação Física da UFSC, intitulada “CONCEPÇÕES DE GÊNERO MASCULINO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS AULAS DE DANÇA”. Por meio das respostas obtidas buscaremos analisar e interpretar como as concepções hegemônicas de gênero masculino interferem na trajetória dos entrevistados. A sua contribuição será valiosa para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso (TCC) em andamento no semestre 2018.2.

Identificação

- Nome fictício: rodrigo
- Idade: 31
- Sexo: M
- Escolaridade: superior completo
- Naturalidade: brasileira

a) Questões sobre os bailarinos em relação à prática da dança

- Por que você começou a dançar?

como complemento do meu trabalho como ator

- Por que você permanece dançando e há quanto tempo está envolvido com esta arte?

danço por escolha profissional e satisfação pessoal. danço a 12 anos

- Para você, qual o diferencial do *vogue dance* e/ou *stiletto dance* frente a outras modalidades de dança?

além das questões relativas ao corpo, movimento, dança em si, o vogue tem uma história de afirmação e resistência lgbt que dão um peso a mais na prática também como militância

- Para você, o *vogue dance* e/ ou *stiletto dance* representa uma ocupação profissional?

pode ser, para quem se dedica a isso. Para mim, na minha vida, não é uma ocupação profissional

- Quanto tempo você se dedica a praticar, estudar e/ou lecionar o *vogue dance* e/ou *stiletto dance* semanalmente?

6 meses

- Você está satisfeito com a relevância destes gêneros de dança em sua cidade? Por quê?

sim. Levando em consideração que é o início do movimento, acredito que já foram dados passos importantes no estabelecimento da cena vogue na cidade e sua relevância no cenário nacional.

b) Esfera Familiar

- Sua família incentiva (ou incentivou) você a começar a dançar?

sim

- Sua família já realizou algum investimento para ajudar o seu desenvolvimento e sua formação em dança?

sim

- Você já sofreu algum tipo de discriminação por parte de algum de seus familiares pelo fato de praticar dança?

não

- A sua família influenciou na constituição do modo como você entende e expressa sua identidade de gênero? De que maneira?

sim. impossível família não influenciar pois são pessoas que você ama e se importa. não que eles tenham me ditado diretamente como expressar minha identidade de gênero, mas eles têm suas concepções sobre esse aspecto e todas as decisões que eu tomei livremente levaram em consideração esse fator.

c) Conteúdo Específico

- Ao longo da sua trajetória na dança você sentiu alguma dificuldade no que se refere a questões relacionadas aos estereótipos de masculinidade? Quais?

sim. Do ponto de vista comercial, é mais difícil para homens conseguirem papéis masculinos se sua expressão não segue os estereótipos de masculinidade.

- Ao longo de sua trajetória na dança, nas turmas em que você fez parte, havia equidade entre o número de homens e mulheres praticantes?

não. sempre mais mulheres que homens.

- Você acredita que há discriminação em relação a homens que dançam? Por quê?

sim. porque o mundo machista e a dança sempre esteve vinculada a uma prática feminina.

- Ao longo da sua trajetória na dança, os papéis de gênero masculinos e femininos eram pré-estabelecidos pelos coreógrafos/professores?

sim.

- Ao longo da sua trajetória na dança, você já teve vontade de dançar sequências que foram destinadas ao público feminino?

sim.

ANEXO D

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Questionário

Este questionário tem como objetivo contribuir com a pesquisa do acadêmico Igor Valentim Bruno, acadêmico do curso de Bacharelado em Educação Física da UFSC, intitulada “**CONCEPÇÕES DE GÊNERO MASCULINO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS AULAS DE DANÇA**”. Por meio das respostas obtidas buscaremos analisar e interpretar como as concepções hegemônicas de gênero masculino interferem na trajetória dos entrevistados. A sua contribuição será valiosa para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso (TCC) em andamento no semestre 2018.2.

Identificação

- Nome fictício: Eduardo Silva
- Idade: 25 anos
- Sexo: masculino
- Escolaridade: Médio Comp.
- Naturalidade: Porto Alegre RS

a) Questões sobre os bailarinos em relação à prática da dança

- Por que você começou a dançar? Por incentivo de amigos na escola que estudava.
- Por que você permanece dançando e há quanto tempo está envolvido com esta arte? Permanece porque é uma forma de me entender. Estou envolvido com dança desde meus 12 anos de idade, então fazem 13 anos.
- Para você, qual o diferencial do *vogue dance* e/ou *stiletto dance* frente a outras modalidades de dança? A grande forma de autoafirmação que o estilo (Vogue) propõe. Costumo pensar que é uma forma de protesto transpassado pra arte.
- Para você, o *vogue dance* e/ ou *stiletto dance* representa uma ocupação profissional? No momento não.
- Quanto tempo você se dedica a praticar, estudar e/ou lecionar o *vogue dance* e/ou *stiletto dance* semanalmente? Ensaios praticos duas vezes por semana. Em media 5 horas de pratica.
- Você está satisfeito com a relevância destes gêneros de dança em sua cidade? Por quê? Não. Gostaria que tivessem mais eventos inclusivos com essas modalidades, pra que possa justamente ter uma divulgação melhor.

b) Esfera Familiar

- Sua família incentiva (ou incentivou) você a começar a dançar? Fui convidado por um primo para iniciar, restantes nunca foram contra.
- Sua família já realizou algum investimento para ajudar o seu desenvolvimento e sua formação em dança? Não. Sempre custeei sozinho.

- Você já sofreu algum tipo de discriminação por parte de algum de seus familiares pelo fato de praticar dança? Só algumas brincadeiras sem necessidade.

- A sua família influenciou na constituição do modo como você entende e expressa sua identidade de gênero? De que maneira? Não. Mesmo sendo o que sou hoje, nunca fui obrigado a ser como todos.

c) Conteúdo Específico

- Ao longo da sua trajetória na dança você sentiu alguma dificuldade no que se refere a questões relacionadas aos estereótipos de masculinidade? Quais? Sim. Estereótipo principal é corpo. Existe este padrão. Não só masculino...

- Ao longo de sua trajetória na dança, nas turmas em que você fez parte, havia equidade entre o número de homens e mulheres praticantes? Não ao certo. Depende muito de qual modalidade que se esta incluso. No caso de Vogue é um público masculino, Stiletto é no público feminino. Vejo deste modo.

- Você acredita que há discriminação em relação a homens que dançam? Por quê? Obviamente. Desde muito tempo que se tem essa infeliz ideia de que um “homem que mexe o quadril não é 100% homem.”

- Ao longo da sua trajetória na dança, os papéis de gênero masculinos e femininos eram pré-estabelecidos pelos coreógrafos/professores? Sim. Nos estilos que participava antigamente, sempre teve essa diferenciação.

- Ao longo da sua trajetória na dança, você já teve vontade de dançar sequências que foram destinadas ao público feminino? Desde meu primeiro dia ate esse momento. É o que mais me chama atenção.

ANEXO E

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Questionário

Este questionário tem como objetivo contribuir com a pesquisa do acadêmico Igor Valentim Bruno, acadêmico do curso de Bacharelado em Educação Física da UFSC, intitulada “**CONCEPÇÕES DE GÊNERO MASCULINO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS AULAS DE DANÇA**”. Por meio das respostas obtidas buscaremos analisar e interpretar como as concepções hegemônicas de gênero masculino interferem na trajetória dos entrevistados. A sua contribuição será valiosa para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso (TCC) em andamento no semestre 2018.2.

Identificação

- Nome fictício: Júnior
- Idade: 22
- Sexo: Masculino
- Escolaridade: Superior Completo
- Naturalidade: São José - SC

a) Questões sobre os bailarinos em relação à prática da dança

- Por que você começou a dançar?

R: Desde criança por ser algo totalmente natural vindo da minha pessoa, a expressão corporal sempre me chamou a atenção e por isso eu comecei a praticar.

- Por que você permanece dançando e há quanto tempo está envolvido com esta arte?

R: Porque é o que me faz sentir feliz e realizado, danço desde os 7 anos, mas em certos momentos parei por algum tempo.

- Para você, qual o diferencial do *vogue dance* e/ou *stiletto dance* frente a outras modalidades de dança?

R: No meu ponto de vista cada dança, cada expressão tem a sua particularidade assim como cada dançarino de Vogue e/ou Stiletto vai ter sua forma de executar e sentir a vertente. Eu por ser voguer, falarei especificamente dele que tem uma cultura extremamente própria e o mais interessante do Vogue é que ele abraça qualquer pessoa, indiferente do gênero, orientação sexual, raça e entre outros. Além de categorias dançantes o Vogue trás consigo categorias estéticas que você necessariamente não precisa ser um dançarino para participar, como por exemplo categorias de desfile, de rosto, de sensualidade e por aí vai.

- Para você, o *vogue dance* e/ou *stiletto dance* representa uma ocupação profissional?

R: Com toda certeza, é arte, é profissão e merece ser valorizada profissionalmente.

- Quanto tempo você se dedica a praticar, estudar e/ou lecionar o *vogue dance* e/ou *stiletto dance* semanalmente?

R: Desde 2013 eu me identifico, estudo e fico a cultura do Vogue/Ballroom

- Você está satisfeito com a relevância destes gêneros de dança em sua cidade? Por quê?

R: O Stiletto pelo o que percebo é bem visado na cidade. O Vogue está começando agora a criar visibilidade e está sendo positivo, automaticamente a satisfação vem vindo no decorrer.

b) Esfera Familiar

- Sua família incentiva (ou incentivou) você a começar a dançar?

R: Desde sempre, minha mãe é a principal.

- Sua família já realizou algum investimento para ajudar o seu desenvolvimento e sua formação em dança?

R: Sim, minha mãe já me ajudou.

- Você já sofreu algum tipo de discriminação por parte de algum de seus familiares pelo fato de praticar dança?

R: Não.

- A sua família influenciou na constituição do modo como você entende e expressa sua identidade de gênero? De que maneira?

R: Não exatamente, o que fez eu desconstruir preconceitos, formas de expressão de modo geral foi o Vogue.

c) Conteúdo Específico

- Ao longo da sua trajetória na dança você sentiu alguma dificuldade no que se refere a questões relacionadas aos estereótipos de masculinidade? Quais?

R: Sim, de início acabei tendo bloqueios e tanto que dentro das danças urbanas que foi onde mais me identifiquei por algum tempo, mesmo participando de um grupo de dança de rua eu comecei a conhecer vertentes mais femininas como o waacking, mas não segui nesse caminho e ainda tinha certo receio de expressar minha feminilidade.

- Ao longo de sua trajetória na dança, nas turmas em que você fez parte, havia equidade entre o número de homens e mulheres praticantes?

R: Quando criança eu era um dos únicos meninos, na adolescência já era mais mesclado tanto homens como mulheres.

- Você acredita que há discriminação em relação a homens que dançam? Por quê?

R: Sim, porque é algo construído historicamente na sociedade, de que o homem tem que mostrar sua virilidade em todos os sentidos na sua vida e quando um homem mostra outros tipos de expressões mais femininas isso acaba causando desconforto aos olhos dos outros, achando engraçado ou definindo a orientação sexual desse homem pela sua expressão corporal.

- Ao longo da sua trajetória na dança, os papéis de gênero masculinos e femininos eram pré-estabelecidos pelos coreógrafos/professores?

R: Não.

- Ao longo da sua trajetória na dança, você já teve vontade de dançar sequências que foram destinadas ao público feminino?

R: Sim.